

MIGRAÇÕES INTERNAS NO NORDESTE BRASILEIRO

Uma Análise Histórica das Secas e a Figura do Retirante (final do século XIX até meados do século XX)

EIXO TEMÁTICO 02: Processos de Produção do Espaço Urbano

SANTOS, Ana Beatriz Pinheiro dos
Graduanda em Arquitetura e Urbanismo/Geografia; UNIFACEX/UFRN
ana.santos.099@ufrn.edu.br

SARABIA, Mônica Luize
Professora visitante do Departamento de Arquitetura da UFRN
monicaluize@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

As migrações internas representam um dos fenômenos sociais e demográficos mais marcantes na história do Brasil, com especial intensidade na região Nordeste. Este resumo expandido propõe uma análise aprofundada das migrações internas nordestinas, e como sua gênese influenciou esses deslocamentos e o crescimento desordenado das capitais nordestinas, focando no período compreendido entre o final do século XIX e meados do século XX, um momento de profundas transformações sociais e econômicas no país. O Nordeste, caracterizado por sua complexa formação histórica e socioeconômica, foi palco de movimentos populacionais massivos, impulsionados por uma conjunção de fatores, entre os quais as secas prolongadas emergiram como fenômenos climáticos e socioeconômicos cruéis e recorrentes no território. A escassez hídrica, que assolava e ainda assola periodicamente vastas áreas do semiárido e árido nordestino, extrapola o mero fenômeno do clima, e se conota como um catalisador de crises humanitárias que forçaram milhares de pessoas a abandonar suas terras em busca de sobrevivência.

Neste contexto, a tipificação social da figura do ser "retirante" ou "flagelado da seca" transcende sua simples condição de migrante no sentido lato de ir de um ponto a outro, vem a ser um símbolo

PENSAR FORA DO EIXO

da resiliência e do sofrimento de grandes grupamentos humanos estigmatizados, profundamente enraizada no imaginário social e cultural brasileiro. O retirante é arquétipo de luta contra a adversidade, a esperança de uma vida melhor e a dor do seu desenraizamento territorial. Realiza uma jornada muitas vezes trágica e, é além de testemunha, um coadjuvante das intensas desigualdades regionais e da persistência de estruturas sociais arcaicas que, por décadas, mantiveram grande parte da população nordestina em condições de vulnerabilidade extrema, como mostrou Furtado (1959).

No que tange à relevância acadêmica do tema, a mesma reside na sua capacidade de discutir e iluminar aspectos cruciais da formação social e econômica do Brasil, conectando a história ambiental às dinâmicas demográficas (Andrade, 1988), às políticas públicas (ou à ausência delas) e à construção de identidades regionais e nacionais. Socialmente, a compreensão das raízes históricas das migrações nordestinas é fundamental para o debate contemporâneo sobre desenvolvimento regional, justiça social e direitos humanos.

A historiografia brasileira dedicada às representações do Nordeste e à figura do retirante oferece um amplo arcabouço conceitual fundamental para esta análise. Autores como Durval Muniz de Albuquerque Jr., em *A Invenção do Nordeste e Outras Artes* (1999), desconstruíram a ideia de um Nordeste homogêneo e naturalizado, evidenciando como a região foi historicamente produzida por discursos que a associam à seca, à miséria e ao atraso. De modo complementar, estudos como os de Marco Antonio Villa, especialmente em *Vida e Morte no Sertão* (2000), aprofundam a compreensão dos impactos sociais das grandes secas, evidenciando as dinâmicas de mortalidade, migração e vulnerabilidade. Já autores como Rodolfo Teófilo (1922), ao abordar a fome e suas consequências no contexto nordestino, contribuem para uma leitura que articula aspectos sanitários, sociais e políticos. Além disso, registros históricos sistematizados por pesquisadores como José Roberto de Lima e Antonio Rocha Magalhães (2018) reforçam a dimensão recorrente desses eventos e suas implicações estruturais. Em conjunto, essas abordagens permitem compreender o retirante não apenas como produto de eventos climáticos extremos, mas como resultado de processos históricos marcados por desigualdades sociais, econômicas e políticas.

Esses historiadores, ao contrário de abordagens puramente econômicas, como as presentes em Furtado (1959) ou em Caio Prado Junior (1945), privilegiam a análise das representações, das identidades e das práticas sociais, como ferramentas conceituais importantes para guiar a compreensão de que a figura do retirante foi construída, representada e significada na cultura

brasileira (Albuquerque Jr., 1999). Essas obras clássicas fornecem o pano de fundo para entender as complexas interações entre clima, economia, sociedade e cultura que impulsionaram as migrações e forjaram a figura do retirante, cuja saga é uma grande mácula e capítulo central na história do Brasil, muitas vezes inclusive invisibilizada ou esquecida pela história.

Em contrapartida e, para além desse contexto historiográfico ou econômico e político, que a perspectiva analítica de Josué de Castro, se revela chave para compreensão da jornada do imigrante “retirante” para além de representações do imaginário nordestino. Enquanto a historiografia constrói a narrativa social e política do Nordeste, Castro (1946) oferece as ferramentas conceituais para desvelar os mecanismos estruturais que transformaram o “retirante” em um sujeito histórico protagonista da escassez climática, mas principalmente da fome socialmente construída.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

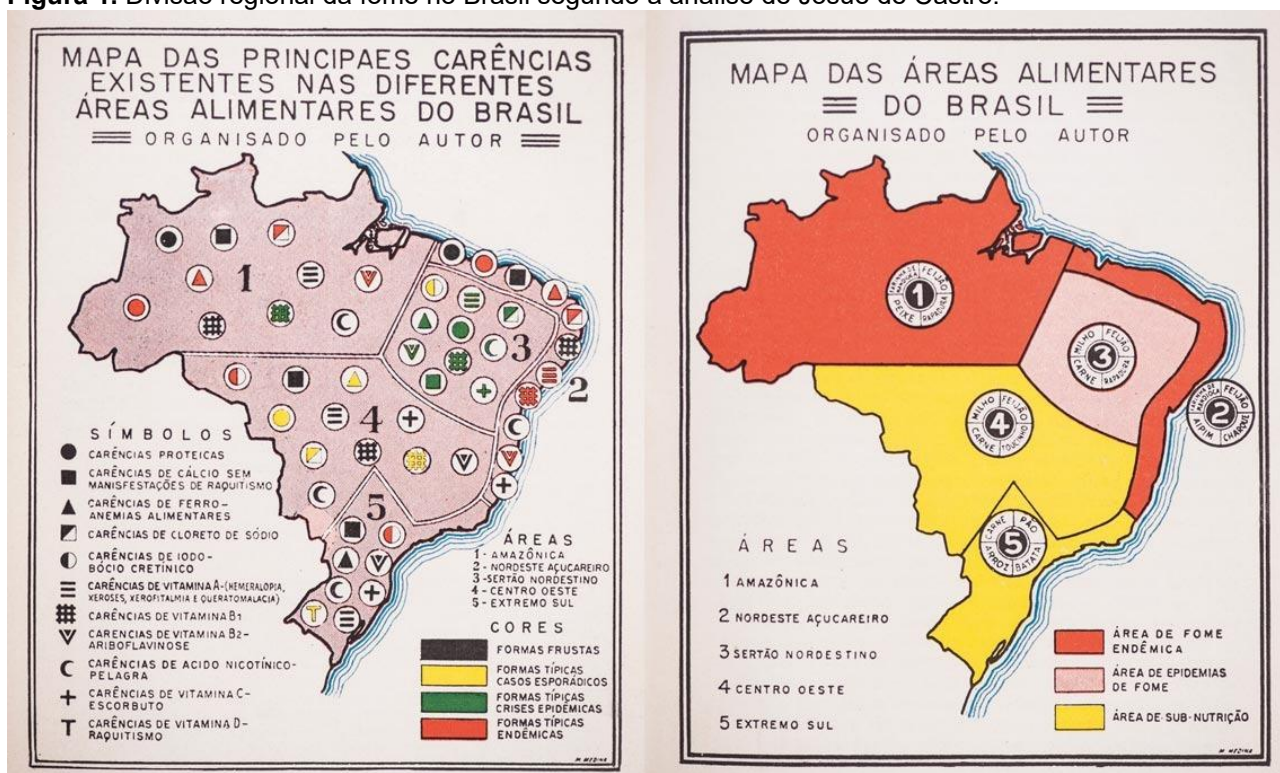
A abordagem metodológica adotada neste estudo centra-se na análise crítica da obra de Josué de Castro, *Geografia da Fome: A Fome no Brasil*, publicada originalmente em 1946. Esta obra é considerada um marco na compreensão das questões sociais e alimentares no Brasil, oferecendo uma perspectiva diferente e inovadora que transcende o determinismo geográfico e climático. Em sua abordagem crítica, Castro (1946), atribui a fome e suas consequências físicas, psíquicas e socioeconômicas, como as migrações, a fatores naturais de ordem da Geografia Física e, as contextualiza em uma estrutura socioeconômica e política. A análise de Castro (1946), então, é fundamental para desmistificar a ideia de que a seca é a única ou principal causa das migrações nordestinas, revelando que a fome é um fenômeno socialmente construído e perpetuado por relações de poder, de exploração e de intensa desigualdade social.

Josué de Castro (1946) categoriza a fome em três tipos principais, que são as lentes analíticas utilizadas para este estudo: a fome oculta, caracterizada pela deficiência de vitaminas e minerais específicos, que não se manifesta por sintomas visíveis de subnutrição, mas compromete a saúde e a produtividade. Na sequência a fome epidêmica, que surge de forma abrupta e massiva em decorrência de catástrofes naturais ou sociais, como as secas severas, levando a mortes em larga escala e êxodos populacionais. E por fim a fome endêmica, a mais perniciosa, que se instala de forma crônica em determinadas regiões devido a estruturas econômicas e sociais desiguais,

PENSAR FORA DO EIXO

tornando-se parte do cotidiano da população e gerando um estado permanente de subnutrição e intensa vulnerabilidade (Castro, 1946) (Figura 1).

Figura 1. Divisão regional da fome no Brasil segundo a análise de Josué de Castro.



Fonte: CASTRO, Josué de. Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço. Rio de Janeiro: Antares, 1984.

A aplicação dessas categorias de análise permite uma compreensão mais matizada do fenômeno das migrações ocorridas no nordeste brasileiro, diferenciando os movimentos populacionais decorrentes de crises agudas (fome epidêmica) daqueles que são resultado de uma pobreza estrutural e crônica (fome endêmica), que empurra as pessoas para fora de suas terras mesmo em anos de boa colheita.

As fontes utilizadas para a análise surgem de um conjunto diversificado de documentos primários e secundários, incluindo periódicos, notícias, romances, crônicas e produções narrativas da época ou vinculadas a ela, bem como dados de natureza geográfica e demográfica. Também foram

PENSAR FORA DO EIXO

consultadas teses e dissertações pertinentes ao objeto de estudo, permitindo o diálogo com produções já consolidadas. Soma-se a isso a utilização de um banco de dados previamente estruturado em etapas anteriores da pesquisa, o qual subsidiou a organização e o cruzamento das informações vinculadas à seca de 1877 que se situa no final do século XIX e início do século XX.

A perspectiva de Castro (1946) é determinante pois permite compreender as migrações para além de um determinismo geográfico simplista, ou apenas no campo das representações que atribuiria a culpa unicamente à natureza. Ao invés disso, ela direciona o olhar para as relações de propriedade da terra, a monocultura, a ausência de infraestrutura e a exploração do trabalho, que transformam a seca de um fenômeno natural em uma catástrofe social (Quadro 1).

Quadro 1. Relações, fenômeno, causa e efeito.

Fenômeno	Causa Estrutural (Desigualdade)	Consequência Humana	Exemplo de Deslocamento
Fome Endêmica	Latifúndio e Monocultura (Açúcar/Cacau)	Subnutrição crônica, raquitismo, baixa estatura	Estagnação e marasmo demográfico
Fome Epidêmica	Ausência de reservas e economia rudimentar	Inanição aguda, mortandade em massa	O êxodo dos retirantes do Sertão

Fonte: Autoras, 2026.

Complementarmente, este estudo emprega metodologias historiográficas, como a história social, a história econômica e a história cultural, articuladas a uma abordagem hermenêutica voltada à interpretação de fontes primárias e secundárias. A análise dos dados é orientada pela compreensão das migrações internas no Nordeste brasileiro como um fenômeno estruturante da produção do espaço regional, partindo do pressuposto de que esses fluxos influenciaram diretamente a organização territorial e o crescimento urbano, especialmente nas capitais.

O estudo busca compreender essas migrações a partir de sua gênese, investigando os fatores que impulsionaram o deslocamento dos sujeitos, para além das condicionantes climáticas, considerando também dimensões econômicas, sociais e estruturais, bem como seus desdobramentos na configuração espacial. Nesse sentido, a triangulação de dados provenientes de diferentes tipos de fontes e perspectivas teóricas constitui o principal procedimento analítico, permitindo o cruzamento de informações e a construção de uma interpretação mais ampla e consistente sobre o fenômeno.

Cabe ressaltar que as reflexões aqui expostas constituem parte integrante de uma investigação mais ampla, atualmente em desenvolvimento. A pesquisa utiliza a fundamentação de Josué de Castro (1946) e demais autores para mapear a gênese da exclusão socioespacial, tratando o fenômeno migratório não apenas como deslocamento, mas como um processo de produção de invisibilidades urbanas.

3 RESULTADOS

A análise das migrações internas no Nordeste brasileiro, à luz dos tipos de fome propostos por Josué de Castro (1946), permite compreender esse fenômeno como resultado de uma complexa articulação entre fatores climáticos, econômicos e sociais. Os dados sistematizados evidenciam que os deslocamentos populacionais apresentam caráter recorrente, acompanhando a periodicidade das secas, especialmente entre o final do século XIX e meados do século XX. Nesse contexto, as estiagens, embora naturais, assumem dimensão de catástrofe humanitária ao se associarem a uma estrutura agrária concentradora, à monocultura e à limitada atuação de políticas públicas, configurando um cenário de vulnerabilidade persistente.

Os registros indicam que, durante períodos de seca prolongada, instaurava-se a fome epidêmica, responsável por intensificar os fluxos migratórios em larga escala. A perda de rebanhos, o colapso das lavouras e a escassez de recursos básicos impulsionaram deslocamentos massivos, frequentemente marcados por trajetórias definidas em direção a centros urbanos ou outras regiões do país. Essas dinâmicas reforçam a compreensão de que a migração, nesses momentos, se constituía como estratégia imediata de sobrevivência, ainda que realizada sob condições extremas de precariedade. Como Mike Davis cita em seu livro *Holocaustos Coloniais* (2002):

“De quando em quando, a chuva simplesmente não vinha, ou demorava tanto que tornava impossível uma safra bem-sucedida. Só então o obstinado agricultor sertanejo deixa sua casa e se muda para as serras onde há mais água, ou para o litoral, ou, como último recurso, para as vilas e cidades como “muitas formigas errantes atrás de comida onde quer que a encontrem, cruzando e recruzando estradas e ali encontrando outros em situação similar”. Nas vilas, eles procuram trabalho, e, não encontrando, abrem mão do orgulho e mendigam, mas só até o momento em que puderem voltar em segurança a seus pedaços de terra. [Roger Cuniff, em “The Great Drought: Northeast Brazil, 1877-1880”]” (Mike Davis, 2002, p.111)

Entretanto, a análise dos dados também evidencia que os fluxos migratórios não se restringem aos períodos críticos de estiagem. A presença contínua de deslocamentos, mesmo em anos de relativa regularidade climática, aponta para a atuação da fome endêmica, caracterizada por um estado permanente de subnutrição e vulnerabilidade social. Fatores como a concentração fundiária, a exploração do trabalho rural, a ausência de infraestrutura e a dependência de atividades econômicas pouco diversificadas contribuíam para a manutenção desse quadro estrutural. Nesse sentido, a migração configura-se não apenas como resposta emergencial, mas como elemento intrínseco à organização socioespacial da região.

PENSAR FORA DO EIXO

Adicionalmente, embora menos evidente nos registros diretos, a fome oculta atua como fator agravante, comprometendo a saúde e a capacidade de resistência das populações, tornando-as mais suscetíveis aos impactos das secas e às adversidades do deslocamento. As condições relatadas — marcadas por fome, doenças e extrema precariedade — reforçam a dimensão humanitária do fenômeno, evidenciando que os retirantes se inserem em um contexto de vulnerabilização contínua. Ariza Rocha em seu artigo *A "fome" nas obras de Rodolfo Teófilo e os recursos alimentares do sertanejo cearense na seca de 1877 a 1880* parafraseia os dados originais do médico Rodolfo Teófilo (1922) para analisar justamente o impacto sanitário do confinamento nos abarracamentos da periferia da capital cearense:

“A fome não foi a única a dizimar a população cearense, vieram as doenças, muitas delas originárias da escassez e qualidade do alimento, que causava envenenamento, úlceras hemorrágicas, febres, vômitos, disenteria. Dadas a condições insalubres, anasarca (inchaço), beribéri, febre amarela, úlcera, febres biliosas e varíola, também chamada de bexiga, registrando, ao término de 1878, 1.205 mortos de diversas moléstias e 9.721 falecimentos por conta da varíola, perfazendo um total de 10.926 cadáveres.” (Ariza Rocha, 2021, p.286)

A compreensão dessas dinâmicas é aprofundada pelas representações literárias e historiográficas do período. Em *Os Sertões* (1902), Euclides da Cunha descreve a dureza do sertão e as condições que moldam a vida do sertanejo, oferecendo um panorama das adversidades que impulsionam a migração. Já em *O Quinze* (1930), Rachel de Queiroz humaniza a experiência dos retirantes ao retratar a seca de 1915 e seus impactos sociais. No mesmo sentido, *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos, evidencia o caráter cíclico da fome e da migração, expressando, de forma contundente, a relação entre a aridez do ambiente e a precariedade da existência. Em *Morte e Vida Severina* (1955), João Cabral de Melo Neto sintetiza a trajetória do retirante como uma busca contínua por sobrevivência e dignidade, enquanto Guimarães Rosa, em *Grande Sertão: Veredas* (1956), amplia a compreensão sobre a complexidade do sertão e das experiências humanas que nele se desenvolvem.

Essas representações, somadas às evidências empíricas, permitem interpretar o retirante e flagelado da seca não só como vítima de eventos climáticos extremos, mas como sujeito histórico inserido em um processo mais amplo de desigualdade social e econômica. Os dados demonstram que os deslocamentos ocorreram em escala significativa, configurando movimentos populacionais capazes de impactar a organização territorial e intensificar processos urbanos nas áreas receptoras, temos o exemplo indiscutível dos registros de deslocamento populacional segundo o censo de 1872, Fortaleza possuía cerca de 21 mil habitantes, números que saltou para

aproximadamente 130 mil pessoas em poucos meses após o agravamento da seca (Melo, 2016; Lima; Magalhães, 2018; Davis, 2002).

Dessa forma, os resultados obtidos até o presente momento indicam que as migrações internas no Nordeste brasileiro devem ser compreendidas como fenômeno estrutural, no qual fatores ambientais e socioeconômicos se entrelaçam. A recorrência das secas, associada à permanência de condições de vulnerabilidade, evidencia a ausência de respostas estruturais eficazes ao longo do tempo, contribuindo para a reprodução contínua dos fluxos migratórios e para a consolidação da figura do retirante como elemento central na dinâmica histórica e territorial da região.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo demonstrou que as migrações internas no Nordeste brasileiro, entre o final do século XIX e meados do século XX, foram um fenômeno multifacetado, profundamente enraizado em uma complexa interação de fatores climáticos, econômicos e sociais. A análise pautada nas categorias de Josué de Castro (1946) — fome oculta, epidêmica e endêmica — revelou-se uma ferramenta metodológica poderosa, permitindo transcender explicações simplistas que atribuem os deslocamentos unicamente à seca. A pesquisa evidenciou que a estiagem atuava como catalisadora de uma fome estrutural e endêmica, derivada do latifúndio e da monocultura, que já corroía a base da sociedade nordestina, tornando a migração uma estratégia de sobrevivência contínua e não apenas uma resposta a crises agudas.

A figura do retirante emerge como protagonista de uma saga de resistência, cuja experiência é fundamental para compreender a história social do Brasil. A integração da teoria de Castro (1946) com a produção historiográfica e literária, especialmente através da intertextualidade com obras como *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz, permitiu humanizar o dado estatístico. A literatura mostrou-se um espelho fiel da psique do flagelado, oferecendo chaves interpretativas sobre o desenraizamento e a desesperança que acompanhavam as jornadas em direção a centros como Natal ou à Amazônia. O cruzamento dessas narrativas com fontes primárias, como os periódicos da Seca de 1877, consolidou a visão da fome como um fenômeno socialmente construído e perpetuado por relações de poder desiguais.

PENSAR FORA DO EIXO

Em última análise, este trabalho reafirma a centralidade da obra de Castro (1946) para desmistificar preconceitos que culpam a natureza pela miséria regional. Nesse sentido, entende-se que as migrações nordestinas não foram apenas movimentos demográficos, mas reflexos das desigualdades intrínsecas à formação do país e da "impaciência nacional do lucro". Para perspectivas futuras, sugere-se aprofundar a análise sobre a eficácia das políticas de assistência aos retirantes e a continuidade dessa figura no imaginário político e social contemporâneo. Compreender a gênese desse crescimento urbano desordenado e a "geopolítica da fome" é essencial para fomentar políticas que promovam a dignidade humana e o desenvolvimento equitativo, rompendo definitivamente com a servidão da miséria que ainda marcam diversas regiões do território brasileiro.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 1999.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **O Nordeste e a questão regional**. São Paulo: Ed. Anca, 1988.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **A Terra e o Homem no Nordeste**: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste. São Paulo: Atlas, 1988.
- CASTRO, Josué de. **Geografia da fome**: a fome no Brasil. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1946.
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**: campanha de Canudos. Rio de Janeiro: Laemmert & Cia., 1902.
- DAVIS, Mike. **Holocaustos coloniais**: a criação do Terceiro Mundo e as leis de mercado da fome. Tradução de Aganno Dantas. Cidade: Record, 2002.
- ESTEVES, Bernardo. **As raízes da fome**: o legado de Josué de Castro. Pesquisa FAPESP, n. 320, out. 2022. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/as-raizes-da-fome/>. Acesso em: 5 abr. 2026.
- FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1959.
- LIRA NETO. **Maysa**: só numa multidão de amores. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LIMA, José Roberto de; MAGALHÃES, Antonio Rocha. **Secas no Nordeste**: registros históricos das catástrofes econômicas e humanas do século 16 ao século 21. Parcerias Estratégicas, Brasília-DF, v. 23, n. 46, p. 191-212, jan./jun. 2018
- MELO NETO, João Cabral de. **Morte e Vida Severina**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.



PENSAR FORA DO EIXO

- PRADO JÚNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1945.
- QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1930.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.
- ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão**: Veredas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.
- ROCHA, Ariza Maria. **A "fome" nas obras de Rodolfo Teófilo e os recursos alimentares do sertanejo cearense na seca de 1877 a 1880**. In: SOARES, Carmen; SILVEIRA, Anny Jackeline Torres; LAURIUX, Bruno. Mesa dos Sentidos & Sentidos da Mesa: Volume I. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2021. p. 275-294.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. **Errantes do fim do século**: a seca e a migração no Nordeste. São Paulo: Editora da Unesp, 2002.
- SOUZA, Márcio. **A expressão amazônica**: do colonialismo ao neocolonialismo. São Paulo: Ática, 1999.
- TAVARES, Francisco. **A seca e o Nordeste**: história, política e sociedade. Fortaleza: Edições UFC, 2010.
- TEÓFILO, Rodolfo. **História da seca do Ceará: (1877-1880)**. Fortaleza: Typ. do Libertador, 1922.
- VILLA, Marco Antonio. **Vida e Morte no Sertão**: história das secas no Nordeste. São Paulo: Ática, 2000.